



RIBEIRO, L. T. F.

Relações de poder e as categorias históricas da ordenação, da duração e da simultaneidade na escola

Power relations and historical categories of ordination, duration and simultaneity in school

Luís Távora Furtado Ribeiro

Professor e ex Diretor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), Doutor em Sociologia pela UFC e Pós-Doutorando na École de Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS em Paris, e-mail: luistavora@uol.com.br

Resumo

No ensaio a seguir, após breve reflexão sobre desafios atuais da teoria da ciência, apresentamos uma reflexão sobre a utilização de categorias nas ciências humanas e particularmente na Teoria da História. Para tanto, recorreremos aos estudos de Hawking (1987), Bergson (2012), Benjamin (2002) e Ribeiro e Marques (2001) sobre a relação da ciência com o tempo e do tempo na história em sua relação com a reflexão sobre as relações de poder na sociedade a partir da escola. Na segunda parte do artigo, falamos sobre a utilização dessas categorias históricas e o trabalho pedagógico na educação escolar, em especial as que denominamos aqui como a contemporaneidade, a ordenação temporal, a duração do tempo e a simultaneidade.

Palavras chave: Relações de Poder. Categorias Históricas e Escola.

Abstract

In the following essay, after brief reflection on current challenges of scientific theory, we present a discussion on the use of categories in the social sciences and particularly in the theory of history. For that, we turn to the study of Hawking (1987), Bergson (2012), Benjamin (2002) and Ribeiro and Marques (2001) on the relationship of science with time and the time of history about power relations in society from school. In the second part of the article, we talked about the use of these historical categories and pedagogical work in school,, especially those we define as: the contemporaneity, the temporal ordering, the length of time and simultaneity

Key words: Power Relationship. Historic Categories and School.

Introdução

No ensaio a seguir, após uma breve reflexão sobre desafios atuais da teoria da ciência, apresentamos uma reflexão sobre a utilização das categorias nas ciências humanas e particularmente na teoria da história. Por fim, falamos sobre a utilização de categorias pedagógicas na escola, em especial as que denominamos aqui como a ordenação temporal, a duração do tempo e a simultaneidade. Como objetivo mais importante, apresentamos a necessidade do trabalho pedagógico com essas categorias para facilitar a compreensão das relações de poder na sociedade a partir da escola, o que se realiza na conclusão do trabalho.

Caso desejemos falar de teoria da ciência de forma bastante geral e elementar poderíamos dizer que ela se realiza a partir das diversas teorias mais gerais e abrangentes e da elaboração de categorias de análise. Essas devendo ser construídas por cada pesquisador para dar conta de seus interesses de observação. Em outras palavras poderíamos utilizar uma metáfora, meramente com o objetivo didático de explicar. A teoria seria comparável à luz, uma espécie de sol da manhã que surge com o dia iluminando tudo. Quanto às categorias, elas poderiam ser comparadas com lentes, sejam elas de nossos óculos pessoais ou de poderosos microscópios ou telescópios, que nos ajudam a enxergar com mais nitidez aspectos da realidade que desejamos observar. Assim, enquanto a teoria ilumina, as categorias serviriam para garantir nitidez.

Para falar de um dos grandes desafios da ciência nos dias atuais, provavelmente o maior deles, o físico Stephen Hawking em seu livro clássico *Uma Breve História do Tempo*, publicado pela primeira vez em 1987, apresenta os dois campos de estudo aos quais se dedica a física moderna, cujos pesquisadores ele denomina “os sábios que descrevem o universo.”¹ Ele menciona duas mega teorias de base que considera tão amplas quanto parciais: a Teoria da Relatividade Geral e a Mecânica Quântica. A Relatividade descreve a força da gravidade e a estrutura das grandes escalas de grandeza do universo. Ela daria conta da observação do infinitamente grandioso e distante, como algo localizado a milhões e milhões de quilômetros

¹ Stephen Hawking foi diagnosticado aos 27 anos no início da década de 1960, como acometido pela Esclerose Lateral Amiotrófica, uma doença degenerativa e devastadora que retira a função dos músculos e compromete progressivamente todos os movimentos do corpo. Ele recebeu a previsão de ter ainda poucos anos de vida. Atualmente, com cerca de 75 anos de idade, movimentada apenas alguns dedos de uma mão com os quais comanda e se comunica a partir de um computador acoplado à sua cadeira de rodas. Contrariando as previsões, tem realizado pesquisas e escrito seus livros que se tornaram referência mundial na divulgação das novas descobertas científicas sobre o universo. Ele foi casado duas vezes e tem três filhos.

de distância da terra, “algo medido pelo 1 seguido por 24 zeros”. Por outro lado, a Teoria Quântica daria conta do infinitamente pequeno e reduzido, como uma realidade medida na proporção dos milionésimos de milionésimos do centímetro. Como é o caso das micro partículas constitutivas da origem da matéria.

Para Hawking, infelizmente, essas duas teorias são consideradas atualmente incompatíveis, não podendo se realizar em conjunto nem se desenvolverem ao mesmo tempo. Ainda para o físico britânico, o grande esforço da física atual seria o de criar uma nova teoria que unificasse todas as duas, dando origem a uma nova ciência que ele denominaria, “uma teoria quântica da gravitação”.²

Esse parece ser um desafio também para as ciências sociais, como diz Hawking com relação à física atual, muito ocupada e interessada em “inventar certo número de teorias parciais”, enquanto temos a necessidade de “conceber o universo de um só golpe”; num raciocínio que poderia servir de reflexão para toda a comunidade científica, em particular para os historiadores e cientistas sociais em geral. Que como ele se refere aos cientistas e teóricos da física, se encarregam de repartir o problema e de “inventar um certo número de teorias parciais”, negligenciando muitas vezes as observações dos outros.³

Nesse sentido, Stephen Hawking realiza sua ciência e esforços de pesquisa, sempre buscando uma perspectiva mais ampla e abrangente que a dialética denominava de busca incessante pela totalidade. E escreve nos incentivando ainda, como cientistas sociais a nos ocupar dos desafios de nosso tempo, que nós definiríamos aqui como uma vigorosa reflexão sobre a contemporaneidade.

A categoria histórica da contemporaneidade

Em geral uma pesquisa histórica realiza sua análise sempre centrada em relação ao passado, seja ele constituído de um tempo de longa, média ou de curta duração, num recorte temporal mais próximo ou mais distante conforme os interesses do pesquisador.

Entretanto, para se estudar, por exemplo, a contemporaneidade, precisamos nos dar conta de um momento ou intervalo de tempo onde os fatos ocorrem no mesmo instante ou muito próximos de quem os observa e onde a ação dos atores sociais é concomitante à

² Ver Stephen Hawking. **Uma Breve História do Tempo: do Big Bang aos Buracos Negros**, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 27 a 38.

³ Idem., p. 30.

observação e ao tempo de vida recente do próprio pesquisador. Isso traz a grande vantagem de viver o calor da hora e de ver por si mesmo o que acontece e um outro aspecto que traz possibilidades positivas e negativas do maior envolvimento emocional do cientista. Isso vai definir questões importantes de influência de sua subjetividade ou da maior ou menor intensidade da objetividade a partir de onde ele analisa aqueles acontecimentos.

As categorias históricas que dão conta do passado são muitas vezes mais utilizadas e alguns autores as vão construindo e delimitando em seus estudos. Alguns deles se tornaram clássicos, algumas vezes vinculando pesquisa histórica e as teorias do conhecimento na filosofia ou das demais ciências sociais. Para mencionar alguns exemplos citamos a genealogia histórica em Michel Foucault (1926 - 1984), o espaço - tempo e o imperativo categórico na razão teórica de Immanuel Kant (1724 – 1804), ou ainda a duração do tempo e a simultaneidade em Henry Bergson (1859 – 1941). Também lembramos a longa duração na Escola dos Annales, além dos princípios dialéticos da contradição e da totalidade ou a categoria econômica da mercadoria para analisar o capital em Karl Marx (1818 – 1883). Ou apresentando o presente contínuo para falar das novas gerações ou ainda o tempo breve, mas para delimitar um século de Eric Hobsbawm (1917 – 2012).

No campo da educação são indispensáveis as menções ao interacionismo simbólico, na formação social da mente em Lev Vygotski (1896 – 1934) e a ação operatória no caminho do concreto ao abstrato, além da autonomia e da heteronomia no processo de subjetivação da criança, em Jean Piaget (1896 – 1980).⁴

Percebemos como essas categorias partem da análise dos aspectos mais básicos e elementares do contexto analisado, mas que são considerados fundamentais e essenciais para a construção ou elaboração de uma teoria mais ampla e para que ela dê conta dos aspectos mais gerais da realidade que se pretende explicar.

Eu mesmo, num artigo sobre a criança e as noções de tempo na educação infantil, utilizei as categorias de duração do tempo, da ordenação temporal e da simultaneidade, esta última dando conta de uma tripla dimensão: - ações diferentes que ocorrem ao mesmo tempo; - ações semelhantes que ocorrem em tempos iguais; ou ainda tarefas ou atividades semelhantes, mas que ocorrem em tempos diferentes. Essa é uma das experiências abstratas que dificuldades trazem às crianças, mas aos pesquisadores históricos também. É o caso, por

⁴ A esse respeito e sobre alguns desses autores mencionados ver Jostein Gaarder, *O Mundo de Sofia, Romance sobre a História da Filosofia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996 e também Manfredo Araújo Oliveira, *Teoria do Conhecimento*, Petrópolis, Vozes, 1997.

exemplo, de as crianças perceberem que seus pais ou responsáveis saem para trabalhar enquanto elas ficam e precisam esperar.

Naquele trabalho mencionamos também as categorias que denominamos, para efeito didático, como tempo linear e tempo cíclico. A primeira, como no caso de nossas biografias individuais ou nas histórias de vida, tratando de situações que se sucedem, como acontecimentos sem repetição. O tempo cíclico, por sua vez, dá conta de um tempo que sempre se repete, mas que se renova – como os dias da semana, meses do calendário ou estações do ano -, em eventos que retornam, mas sem se repetir.

Retornando à contemporaneidade, vale lembrar que a análise do tempo em que se vive pode e deve se concentrar em aspectos relevantes vividos e observados analiticamente pelo pesquisador. A esse respeito se poderia exemplificar com as pesquisas impressionantes realizadas pelo médico francês Guy de Chauliac (1298 ou 1300 – 1368) na epidemia da peste negra que devastou grande parte da população da Europa, aproximadamente entre os anos de 1347 e 1353. O referido pesquisador, um dos fundadores da pesquisa em ciência médica e sanitária, ao atender ou observar os doentes da peste bubônica, fazia notas e guardava os apontamentos sobre diversos fatores como contágio, sintomas, estado geral, melhora ou piora dos pacientes, reação aos tratamentos, óbitos ou curas observadas. Ele próprio, acometido pela doença, sem acesso a qualquer tratamento moderno como analgésicos, antitérmicos, antibióticos, exames de laboratório ou a uma simples hidratação, anotava como possível suas próprias reações à doença, registrando por fim sua própria cura impressionante.

Um exemplo mais brasileiro e nordestino vinha a tratar das pesquisas do médico Josué de Castro iniciadas ainda na década de 1940 no país e que foi publicada na obra que se tornou clássico da sociologia e da medicina sanitária: *A Geografia da Fome no Brasil* em dois volumes. A referida obra foi publicada no país em 1946. Nascido em 1908, exilado pela ditadura militar brasileira, ele faleceu em Paris em 1973. Ele definiu numa expressão a fome como restrição calórica. Também a denominando déficit de calorias ou déficit calórico, ele não tinha acesso a novas descobertas da medicina atual que combatem o excesso de açúcar, de gordura ou de sal, e que separam as gorduras, por exemplo, entre as que fazem mal e as que fazem bem ao organismo humano. Dividindo suas observações entre seis regiões de fome no Brasil, Josué de Castro criou ou desenvolveu conceitos gerais explicativos para a fome como sendo: - endêmica, um fenômeno permanente e perene em certas regiões do país; - e a

fome epidêmica, aquela que se agrava em um período de tempo determinado de crise social, como nas épocas de seca no nordeste brasileiro.⁵

Josué de Castro não teve acesso, é evidente, aos atuais recursos à utilização de exames de laboratório no campo médico, nem a programas de computador que tabulam, quantificam e classificam dados de uma pesquisa. Imagine-se o que teria conseguido, bem como o doutor Guy de Chauliac, caso tivessem acesso a esses mecanismos que dariam novas e amplas possibilidades de observação. Em seu estudo de um fenômeno seu contemporâneo, ele criou e utilizou como categorias explicativas os termos que se tornariam famosos: nutrição, desnutrição e subnutrição. Deixando clara, inclusive em seu discurso na ONU, uma posição de que a fome tinha raízes sociais e solução política.

Retornando à complexa apreensão do tempo pela consciência e para demonstrar sua complexidade, é importante recorrer aqui às pesquisas do filósofo francês Henri Bergson (1859 – 1941) sobre o conceito que ele denominou de “duração”. Para ele o tempo da duração, que ele também denominava “tempo vivido” ou “tempo da consciência”, se caracterizava por ser único, por não se repetir e que não poderia ser medido ou quantificado, que se revelava como um tempo qualitativo e vivenciado unicamente nas experiências dos sujeitos. Como exemplo, pode-se mencionar um sentimento de alegria ou tristeza que se prolongue por alguns dias. O filósofo afirmava que ele terá intensidades diferentes e que não será o mesmo ontem, hoje ou amanhã, mudando de forma e de como é percebido a cada momento e a cada dia. Para Bergson, é essa experiência com o tempo da duração que nos permite e possibilita a consciência de nosso ser. E o que nos diferencia de outros seres no planeta e no universo.

Bergson diferenciava esse “tempo da duração” que era qualitativo de uma outra experiência temporal que ele denominava “tempo da seqüência” ou “tempo físico”, que seria diferente e quantitativo, a respeito do qual podemos falar e narrar como uma experiência comum aos que vivem em sociedade. Nós podemos até mesmo quantificá-lo como fazemos no tempo da história a partir de convenções sociais e culturais que o dividem em dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos ou milênios, em eras de um passado distante ou em períodos de acontecimentos mais ou menos próximos.

Como uma abstração e como convenção pode-se falar, por exemplo, de uma era glacial, de uma história ou de uma pré-história como um tempo distante, ou mesmo de

⁵ Josué de Castro é autor de vasta bibliografia. Ver a respeito seu Perfil no Wilkpedia, consultado aqui em 14/10/2013.

períodos de governo, de guerras ou movimentos de populações mais recentes, desde que se tornem experiências comuns a diferentes grupos sociais que lhes dêem significado.

Em acordo com Stephen Hawking, podemos perceber que em sua concepção de tempo, Bergson está em boa companhia. Para Hawking, Aristóteles e Isaac Newton, também concebiam o tempo como um tempo absoluto completamente independente e separado do espaço. Para Aristóteles e Newton seria possível medir sem ambigüidade diferentes intervalos de tempo separando dois eventos diferentes e que esse intervalo seria o mesmo, independentemente da pessoa que o medisse. Sendo somente necessário que ela apenas “se servisse de um bom relógio”.⁶

Aqui encontramos basicamente duas conclusões apresentadas por Hawking: - a primeira sobre a impossibilidade de se conceber um espaço absoluto; - a segunda, que a partir das descobertas atuais da física, que a separação entre tempo e espaço de Aristóteles e Newton seria válida para “maçãs e planetas que se movem de maneira relativamente lentas”, não sendo aplicáveis para o movimento de objetos que se deslocam “à velocidade da luz.”⁷

Para falar dessa reflexão sobre o tempo extremamente complexa apenas delineada acima, o filósofo francês escreveu uma obra magistral publicada em livros importantes que ele intitulou: *Matéria e Memória* de 1896 ou o também clássico *Duração e Simultaneidade*, publicado originalmente em 1922.

Para os objetivos desse ensaio nós vamos nos concentrar nesse tempo de seqüência e não do tempo da duração como os definia Henri Berson. Tomamos como objetivo falar desse tempo de **seqüência** e de como ele pode ser vivenciado na escola a partir de um trabalho pedagógico que envolva estudantes e professores nas categorias históricas que poderíamos apresentar como: a ordenação temporal, a duração do tempo ou a simultaneidade. Observe-se que a partir delas, estudantes e educadores vão descobrindo e se aproximando da compreensão sobre a complexidade das relações de poder na sociedade.

A ordenação temporal, a duração do tempo e a simultaneidade

Trabalho nesse ensaio aspectos da percepção, do desenvolvimento e da compreensão das relações históricas e sociais através da observação de noções temporais de curta, média e

⁶ Stephen Hawking, *Uma Breve História do Tempo*, op. cit. p. 30 a 38.

⁷ *Ibid*, p. 38. Conferir ainda do mesmo autor: *O Universo Numa Casca de Noz*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

longa duração. Indo preferencialmente dos acontecimentos mais próximos e familiares até os mais distantes. Também apresento situações pedagógicas como a importância de relacionar de maneira complexa e progressiva esses acontecimentos e eventos sociais mais próximos e familiares a outros eventos mais distantes no tempo e que possuam maior potencial de abstração e complexidade. Refiro-me aqui ao desenvolvimento das noções de ordenação temporal, da duração dos períodos históricos, além da observação e compreensão da simultaneidade dos acontecimentos no tempo.⁸

Nesse sentido, é muito comum encontrarmos em alunos das séries terminais do ensino fundamental, nos estudantes do ensino médio ou até mesmo daqueles matriculados na educação superior, algumas dificuldades com relação à sucessão histórica – ordenação temporal -, à periodização do tempo – duração temporal -, ou com relação à contemporaneidade dos acontecimentos históricos, - simultaneidade. Essa situação pode ser atribuída e explicada pela deficiência do trabalho pedagógico com três noções temporais fundamentais para o trabalho com conteúdos históricos: a ordenação, a duração e a simultaneidade.⁹

Trabalhar a ordenação temporal vai possibilitar a compreensão e não a simples memorização dos acontecimentos e o entendimento da relação de causalidade e consequência de determinadas situações carregadas de conteúdo histórico. Essa mencionada compreensão vai possibilitar uma melhor reflexão a respeito da periodização histórica, contribuindo para a organização, pelos alunos, da sucessão dos acontecimentos históricos bem como de suas rupturas como pode ser exemplificado pela ocorrência de catástrofes, revoltas, guerras ou revoluções. O trabalho com a ordenação temporal na escola pode ser realizado a partir de situações educativas nas quais os alunos vão ordenando, inicialmente, acontecimentos mais familiares e cotidianos. Isso torna possível e pode facilitar a apresentação da sucessão de fatos que ocorreram em períodos históricos mais longínquos e distantes no tempo, desvinculados da vivência imediata das crianças e até mesmo de seus professores. Quanto à simultaneidade, como apresentamos acima, refere-se a situações e acontecimentos históricos que se realizam ao mesmo tempo, mesmo que tenham significados diversos e que ocorram em lugares distantes.¹⁰

⁸ Conferir Luís Távora Furtado Ribeiro e Marcelo Santos Marques, *Ensino de História e de Geografia*, Fortaleza, Ed. Brasil Tropical, 2001, p. 33 a 37.

⁹ *Ibid.*, p. 36.

¹⁰ É importante perceber como Marx trata da ordenação como seqüência temporal e a duração do tempo através de periodizações no recorre histórico que ele realiza em seu 18 de Brumário, livro clássico sobre história *Rev. História Helikon*, Curitiba, v.1, n.1, p.148-165, 1º semestre/2014

Importante perceber que a separação que apresentamos aqui serve para ajudar à aproximação da compreensão do tempo na história e que, efetivamente, esses aspectos se realizam de forma muitas vezes concomitante, sendo evidentemente inter relacionados.

Podemos ver um exemplo simplificado e apenas ilustrativo a seguir dando conta de eventos mundiais que se relacionam e são simultâneos à história internacional e do Brasil. Por exemplo, acontecimentos em seqüência (ordenação do tempo), que ocorreram em períodos históricos determinados (ordenação temporal) e que aconteceram numa mesma época e se relacionam (simultaneidade): - como na Era de Vargas ou entre a Crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial num século mais recente; ou recuando ainda mais no tempo: as consequências da Vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil concomitante às Guerras Europeias e ao Período Napoleônico no início de século XIX.

Percebe-se que esses acontecimentos foram durante muito tempo estudados separadamente nas escolas muitas vezes sendo apresentados em livros diferentes como História Geral e do Brasil e em anos do ensino fundamental ou médio alternados. Isso dificultava aos estudantes e professores os compreenderem e apresentarem como historicamente relacionados, apesar de terem sua lógica e especificidades próprias.¹¹

Nesse contexto, deve-se compreender a dimensão temporal definida como temporalidade cíclica – que compreende acontecimentos da semana, mês, ano, década, século, ou milênio... – possibilitando a observação do movimento contínuo e infinito do tempo, bem como identificar as consequências da ação humana diante do mesmo.

De início, no caso de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, é o caso de ir registrando acontecimentos pessoais, da família, do bairro, da cidade ou da escola, sejam eles diários, semanais ou mensais. Também se deve ir apresentado o contínuo do tempo através das festas como Carnaval, Semana Santa, Dia do Trabalho, Festas Juninas, Natal etc., utilizando recursos disponíveis como linhas de tempo, agenda e calendário, dentre outros. Assim, relaciona-se o que denominamos de tempo linear, o tempo dos acontecimentos que se

política na França. Ele apresenta seu estudo três períodos: - o primeiro, que ele denomina “a vertigem da fraternidade universal”, que ele delimita entre 24 de fevereiro e 04 de maio de 1848; - o segundo denominado “de constituição da República e Assembléia Nacional Constituinte” entre 04 de maio de 1848 e 28 de maio de 1849, que ele subdivide ainda em três sub períodos; - e uma terceira fase que ele denomina “da República Nacional e da Assembléia Nacional Legislativa, dessa vez entre 28 de maio de 1849 e 02 de dezembro de 1851, que ele divide também subdivide em três períodos internos. Marx ainda os relaciona com o golpe de Napoleão Bonaparte contra o Diretório em 1799 realizando uma análise que vincula sua contemporaneidade a um período anterior de longa duração. Conferir Karl Marx, O 18 de Brumaire de Louis Bonaparte, Paris, Ed. Flamarion, 2007, p. 179 a 181.

¹¹ A esse respeito pode ser relevante a leitura de Serge Bernstein e Pierre Milza, Histoire du XXe Sicle, La Fin du Mond Européen, 1900 – 1945, Ed. Hatier, Tomo I, 1996.

realizam numa seqüência lógica, ao que denominamos tempo cíclico que, como foi definido antes, é um tempo que retorna, mas sem se repetir.¹²

Como exemplo de linhas de tempo, alunos e professores poderiam registrar acontecimentos da vida da criança em seus primeiros dez anos de vida, apresentando o conceito de década, um tempo considerado de média duração que praticamente coincide com seu tempo vida. Para se introduzir o século, considerado um tempo de mais longa duração, pode-se solicitar que se relacionem fatos significativos de algumas décadas do século XX a cada intervalo de dez anos como forma de apresentar esse mais longo intervalo de tempo.

Quando se fala desse tempo cíclico, como o denominamos aqui, é o caso de se apresentarem temas ligados ao espaço e ao conhecimento geográfico em especial quando nos defrontamos com o estudo do clima. Nele, periodicamente a cada ano que vivemos, retornam as mesmas estações como inverno e verão, épocas de calor ou frio mais ou menos intensos, ou ainda períodos de chuvas ou estiagens que retornam ano após ano, mas que jamais são iguais aos mesmos períodos do ano anterior. Suas conseqüências podem e devem ser relacionadas com aspectos ligados ao relevo, à hidrografia ou à vegetação da região onde a criança vive ou de outras regiões mais distantes, se for o caso.

Quando nos referimos ao tempo linear ou à seqüência do tempo, são fundamentais nesse processo as histórias lidas e/ou narradas, os percursos percorridos e a representação gráfica deles através de desenhos ou gravuras das diferentes situações vividas ou apresentadas.

É importante registrar a descrição de passeios, visitas e excursões obedecendo-se à ordem dos acontecimentos, conjuntamente com a ordenação de percursos e lugares que são representados relacionando-se as noções espaços-temporais vivenciadas. Músicas, dramatizações, pinturas, gravuras, teatro de bonecos ou elaborações de jornais, podem contribuir para aproximar a criança da complexidade das relações sociais que se realizam num determinado espaço, numa seqüência ou vivência temporal dada. Importante perceber a integração entre universo sócio-cultural e a criatividade dos alunos em diversas situações educativas, relacionando seu caráter social com suas diferentes formas de representações culturais sejam elas de caráter lúdico ou artístico.

Tem-se como um dos objetivos fundamentais da ordenação temporal a necessidade da familiarização, distinção e relação entre o tempo linear – história de vida, ou das narrativas,

¹² Ver novamente Luís Távora e Marcelo Marques, op. Cit., p. 49 a 56.

por exemplo – e o tempo cíclico – semana, mês, ano, década, século etc. – que possibilitam relacionar a ação humana individual ou coletiva num contexto histórico determinado, bem como preparar o caminho para ir apresentando a descontinuidade do tempo ou sua ruptura que pode ocorrer a partir de guerras ou revoluções, por exemplo.

Importante perceber também como os fatos da vida – aniversários, casamentos ou as festas locais, por exemplo – e os acontecimentos históricos mais gerais – lutas pela independência política ou pela libertação dos escravos, início ou término de Guerras – fazem parte e vão se relacionando num contexto social, político, econômico e cultural muito mais amplo e complexo. E que esses contextos devem ser apresentados e vivenciados de maneira progressiva desde os primeiros anos de escolarização das crianças.

Uma dimensão pedagógica que não deve ser negligenciada é a de se dar prioridade ao estudo sempre daquilo que é mais próximo. Próximo aqui compreendido não apenas como algo que nos cerca geográfica e espacialmente, mas como algo que é familiar e que para a criança possui alguma carga de sentido. Podemos exemplificar que são poucas as crianças ou jovens que conhecem ou sabem algo referente às equipes de subúrbio que jogam futebol em sua cidade ou em bairros vizinhos. Por outro lado, times de futebol de renome nacional ou mundial podem servir de gancho pedagógico para o estudo de outros países e lugares, inclusive em sua história e seu passado.

Como outro problema de pensar histórico em sua dimensão educativa nas escolas, encontramos a periodização histórica que deve ser trabalhada através da ampliação das noções referentes à duração temporal que nos remete agora à compreensão de intervalos de tempo. Esse desenvolvimento vai possibilitar, por exemplo, à criança ou ao jovem, relacionar diferentes períodos de tempo e relações sociais diversas que ocorrem num espaço e tempo diferenciados. Exemplificando, a colonização do estado brasileiro do Ceará no nordeste do Brasil e a das primeiras colônias norte-americanas tem início aproximadamente na mesma época, início do século XVII. Como vimos, esse trabalho deve seguir e respeitar três etapas fundamentais que devem interagir entre si e se complementarem:

- a percepção de durações temporais;
- a comparação entre durações de tempo;
- e a quantificação, a medida de intervalos de tempo ¹³.

¹³ Conferir, Funtevê, Noções Temporais, Rio de Janeiro, Fundação Roquete Pinto,, mimeo, 1996. Rev. História Helikon, Curitiba, v.1, n.1, p.148-165, 1º semestre/2014

Para iniciar com crianças menores é importante apresentar histórias ou músicas que tenham duração e ritmos variados e perceber e comparar essa diferença. Para alunos das séries mais adiantadas pode ser o caso de se observar processos históricos como a industrialização ou períodos de governos ditatoriais em diferentes países ou regiões. Ou mesmo conhecer aspectos e relacionar costumes e de como era a vida em locais diferentes em períodos da antiguidade ou nas sociedades medievais. Ou ainda entre a revolução francesa, a guerra civil mexicana ou espanhola e a revolução russa, por exemplo. Essas podem se constituir em situações pedagógicas que permitam aos estudantes e professores no curso da história, comparar diferentes durações de tempo.

Quanto à quantificação e à medida do tempo, torna-se importante lembrar que isso se origina de um acordo ou convenção e que constitui uma abstração complexa. E que se torna mais delicado em se tratando de sua apreensão para crianças – mas para jovens, adultos e educadores também.

Como vimos é o caso de ir percebendo e comparando pequenas durações temporais e grandes durações de intervalos de tempo através de acontecimentos mais próximos e menos próximos, com a finalidade de ampliar a observação entre os acontecimentos vividos e outros acontecimentos vivenciados por outras pessoas, outros povos e outras culturas. Sempre na perspectiva de se aperceber da complexidade da compreensão do tempo histórico e das diferentes relações sociais em movimento.

Esse trabalho é importante para a compreensão analítica dos diversos períodos históricos realizados à proporção que o aluno se situa com relação às curtas, médias e longas durações temporais.

Todo esse trabalho deve ser apresentado introduzindo-se graus de dificuldade progressivos e a partir do cotidiano. Sempre a partir do que é pedagogicamente mais próximo. Próximo compreendido aqui como o que é familiar, como o que possui significado. Tanto para os estudantes quanto para seus professores. O estudo das longas durações como os séculos, por exemplo, só deve ocorrer após cuidadoso trabalho com durações temporais vivenciados pelos alunos através da reflexão sobre experiências conhecidas. E onde as medidas desses períodos de tempo não sirvam para qualquer iniciativa de simples memorização, mas se tornem inseridas num universo de relações sociais que pode ser decodificado.

Relações de poder em uma longa história do tempo

Rev. História Helikon, Curitiba, v.1, n.1, p.148-165, 1º semestre/2014

O trabalho pedagógico com o tempo histórico na escola se realiza de forma progressiva e contínua a partir de situações vinculadas ao tempo histórico e à ciência histórica, sempre em diálogo indispensável com o conhecimento de outras áreas e demais disciplinas do currículo escolar. Um segundo aspecto a ser ressaltado é o de que muito do que sugerimos aqui e ainda mais já se realiza cotidianamente nas mais significativas experiências educativas encontradas país afora. Um terceiro aspecto decorrente dos anteriores é o de que secretarias de educação, escolas e professores já possuem uma relevante experiência acumulada, muitas vezes documentalmente registrada, o que jamais pode ser desconsiderado ou menosprezado. Um quarto aspecto é que para além dessa experiência mencionada, existe latente uma criatividade que tem possibilitado a superação de desafios e das dificuldades encontradas. Um quinto aspecto que pode ser considerado é que mudanças repentinas de origem externa pela atuação do Estado, como as que ocorrem periodicamente a cada troca de governo, muitas vezes contribuem para retirar parte da autonomia escolar e tem servido muito mais para confundir do que mesmo para ajudar. E que essa interferência só deveria ser realizada quando fosse considerada estritamente necessária.

Partindo dessas breves reflexões anteriores, prosseguimos a enumerar a seguir algumas sugestões para o trabalho pedagógico com o que denominamos provisoriamente aqui como: o trabalho educativo com o tempo histórico escolar.

Atividades como relacionar acontecimentos marcantes da vida de pessoas de idades diferentes como avós, pais e irmãos ou colegas de escola e professores, amigos e vizinhos são muito úteis pela utilização do método comparativo. Num momento posterior relacionar os principais acontecimentos em cada século da história do Brasil, por exemplo, indicando aproximadamente o início do apogeu e o declínio de ciclos econômicos como o açúcar, mineração, café, borracha, industrialização, por exemplo. Essa atividade possibilitará aos alunos tomar contato com acontecimentos históricos de longa duração e de um passado distante que alunos e educadores não viveram, além de introduzir, num trabalho prático, as noções de década e século, fundamentais para o trabalho complexo com o passado histórico. E no contato indispensável com intervalos de tempo de longa duração.

Ressalte-se que podem dar bons resultados estudos e pesquisas em equipes e suas apresentações posteriores sobre aspectos da vida de povos e épocas antigas: - como era sua estrutura econômica, política e social; - de como as pessoas se vestiam nos períodos históricos estudados; - como e de que se alimentavam; como era sua vida no campo e cidades; - que tipo

Rev. História Helikon, Curitiba, v.1, n.1, p.148-165, 1º semestre/2014

de arte faziam; - como eram seus instrumentos de trabalho e de qual tecnologia se utilizavam; - quais eram suas crenças e valores; - e ainda sobre que tipos de registros de sua época nos deixaram.

Para crianças menores e em anos iniciais de escolaridade, para se introduzir o conceito de década e mesmo o de século como um tempo que a criança não viveu, podem se apresentar e selecionar antigos e atuais equipamentos de comunicação como telefones do passado e do presente. Réplicas ou figuras de aparelhos de rádio, computador ou TV. Inclusive apresentando-se meios de transporte de ontem e de hoje como barcos, caravelas e navios, dos aviões mono motores aos supersônicos e ainda naves espaciais. Diga-se que essas atividades já são realizadas com muito proveito nas mais diferentes secretarias de educação e escolas espalhadas pelo país.

Ainda sobre esse olhar atualizado sobre o passado, ele pode ser relacionado com estudos em outras áreas como biologia e ciências. Esse pode ser exemplificado com o contato com animais pré-históricos ou com doenças e medicamentos de outras épocas, sobre as diversas etapas do conhecimento científico etc. Na literatura, leitura de livros de época ou sobre o passado podem e já se realizam com proveito em nosso universo escolar. Visitas a museus ou o contato com pinturas e esculturas, peças de teatro, músicas e filmes, também tem-se tornado importantes e fundamentais para o contato e a compreensão progressiva do tempo histórico de pessoas vivendo em sociedade, num período de tempo determinado. E sobre as lições que o passado pode trazer para o tempo presente.

Não se pode esquecer da complexidade da noção temporal da simultaneidade que vai possibilitar relacionar e analisar a contemporaneidade dos acontecimentos que ocorrem num mesmo período de tempo com suas diferentes relações de poder mais amplas na sociedade.

Para exemplificar, lembramos a relação existente entre a coincidência de períodos de incremento da industrialização do Brasil quando os países capitalistas centrais encontravam-se em conflito, tanto durante a I Guerra Mundial (1914-1918), quanto durante a II Guerra Mundial (1939-1945). Para compreender e analisar situações tão complexas em estudos atuais ou futuros, tornando-se necessário no desenvolvimento progressivo da noção de simultaneidade, utilizando palavras-chaves como “enquanto” e “ao mesmo tempo em que”.

Trabalhar notícias retiradas do jornal do dia ou revistas da mesma semana ou de datas aproximadas e sua classificação em diferentes assuntos como economia, política, esportes, polícia, cultura etc., constituem atividades educativas simples que alcançam bons resultados na observação e compreensão da simultaneidade do tempo. E que, ressalte-se, já são utilizadas Rev. História Helikon, Curitiba, v.1, n.1, p.148-165, 1º semestre/2014

em muitas escolas. Para crianças menores e de salas de educação infantil, pode-se também recorrer à atividade de lembrar diferentes locais visitados no domingo – como praias, parques, igrejas ou residências visitadas -, aproximando a noção temporal da simultaneidade ao espaço, nos diferentes locais em que tais experiências ocorreram. No caso dessa dimensão espacial e como uma introdução à representação geográfica do espaço, podem ser feitos desenhos ou colagem de gravuras que lembrem aqueles referidos locais visitados, o que vale para apresentar à criança as primeiras aproximações com a construção e decodificação de mapas.

Diga-se em tempo que para se relacionar o espaço e o tempo em sua representação e decodificação, é fundamental que vão se apresentando e confeccionando desenhos e croquis de casas, ruas, bairros ou cidades, que vão se seguir ao contato progressivo com o de plantas urbanas e mapas mais complexos que representem realidades mais distantes e abstratas. Aulas em campo como a visita ao centro histórico das cidades, passeios ou excursões a locais históricos e monumentos ou construções antigas, podem ser muito importantes para o contato dos estudantes com o passado. Apresentar o que foi observado em equipes no retorno às aulas são experiências que tem dado bons resultados. Essas equipes podem ter como temas de observação pesquisa e apresentação, dentre outros: equipe histórica e do patrimônio, de cultura, social, do meio ambiente, de jornalismo e reportagem ou gastronômica.¹⁴

Tem se tornado muito útil para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental a construção de maquetes sobre épocas históricas do passado como as que representam aspectos das civilizações e cidades antigas, castelos, mercados e feiras medievais, ou ainda cidades do século passado com seus carros, ruas e transeuntes em sua vida cotidiana. Pode-se representar ainda de como era a vida na pré-história ou numa década anterior como nos anos 1960. Essas experiências podem aproximá-las com o plano tridimensional de representação do espaço, etapa também importante para as futuras experiências com a leitura de mapas.

Uma atividade muito útil e realizada com proveito em escolas de educação infantil ou pré-escola pode ser uma visita das crianças a diferentes locais no espaço escolar, para que percebam pessoas em seu trabalho cotidiano realizando tarefas variadas e que ocorrem ao mesmo tempo, mas em lugares diferentes.

Como se vê, a noção de contemporaneidade de acontecimentos próximos ou de acontecimentos e eventos sócio-históricos de longa duração – e das categorias que denominei

¹⁴ A esse respeito ver Reflexões Teórico-Práticas Sobre Uma Aula em Campo, in. Luís Távora Furtado Ribeiro e Marco Aurélio de Patrício Ribeiro, **Temas Educacionais: Uma Coletânea de Artigos**, Fortaleza, Ed. UFC, 2010, p. 178 a 187.

aqui de ordenação, duração e simultaneidade -, tem por objetivos fundamentais: - possibilitar aos estudantes e seus professores a compreensão dos contextos de época, suas diferenciações e relações entre si; - bem como a abertura para a análise da atuação dos diversos grupos sociais num momento histórico determinado, inclusive em períodos de tempo diferentes ao que professores e estudantes vivem; - como objetivo cotidiano a ser buscado, o desvelamento progressivo das relações de poder na sociedade a partir do trabalho pedagógico e da escola.

Conclusão: o trabalho sobre relações de poder na escola

Num outro exemplo sobre o trabalho pedagógico sobre a guerra e as relações de poder na sociedade atual os educadores poderiam apresentar para alunos do ensino médio o conceito de guerra assimétrica como um confronto entre forças extremamente desiguais, tanto no campo militar quanto no econômico e tecnológico.

Pode-se ainda exemplificar com as recentes guerras do Iraque e do Afeganistão nas décadas de 1990 e 2000 a partir das seguintes características principais: - em primeiro lugar, a necessidade dos países ricos de demonstrar sua força bélica e tecnológica, com o objetivo não revelado de inibir revoltas ou agressões futuras de países periféricos; - uma segunda característica seria a de por em funcionamento meramente para exercitar seu poderio militar, evidentemente contra países mais fracos; - outro aspecto a se observar é o mais oculto de todos, sobre a necessidade da indústria de armas divulgar e vender seus produtos para seu cliente preferencial, o Estado.

Um exemplo também sobre o poder na contemporaneidade é a discussão sobre os recentes movimentos sociais internacionais como, por exemplo, o ocupem Wall Street, a primavera árabe ou os protestos de rua no Brasil em 2013. No caso brasileiro, eles podem ser apresentados para reflexão a partir de algumas características que podem ser bastante gerais: - que eles seriam impensáveis sem o uso da internet; - que eles tratam da necessidade da ocupação democrática do espaço urbano; - que eles se apresentam a partir de relações horizontais, aparentemente sem hierarquia de poder; - e ainda que eles se manifestam sem a aparente existência de lideranças e de programas.

Esses são apenas outros exemplos de como se podem trabalhar relações de poder na sociedade atual a partir da sala de aula e da escola, sendo sempre importante ouvir estudantes e professores em suas impressões e análises sobre os mesmos.

E que não se deva esquecer de trabalhar o passado, sempre em relação com nossos dias atuais, que poderíamos definir como o tempo e o espaço da contemporaneidade. Para que o tempo histórico, construção do historiador, não seja conhecido apenas como uma mera forma evolutiva em direção ao progresso. Mas como movimento que vai se constituindo e se apresentando a partir de crises ocultas ou aparentes, através de suas rupturas ou contradições. Como percebemos desde a análise do tempo de Stephen Hawking, sempre buscando na história seus fundamentos mais amplos e suas contradições, na busca permanente de suas conexões com os contextos mais amplos e com a totalidade. Sempre com a finalidade de desvelar as relações complexas de poder na sociedade. Seja ela do universo infinito, seja de nossas relações históricas e sociais.

Referências

BALDIN, Nelma, **O Ensino de História**. São Paulo, Editora da PUC, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o Brinquedo, a Criança e a Educação**. São Paulo, Ed. 34, 2002.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo, Editora Martins Fontes, s/d.
_____, **Durée e Simultaneité**, Paris, Edições Stock, 2012.

CABRINI, Conceição et al. **O Ensino de História: Revisão Urgente**, São Paulo: Brasiliense, 1986.

CASTRO, Josué de. **A Geografia da Fome no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

FORQUIN, J. C., **Escola e Cultura: as Bases Sociais e Epistemológicas do Conhecimento Escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GAARDER, Jostein, **O Mundo de Sofia**. Romance sobre a História da Filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HAWKING, Stephen, **Uma Breve História do Tempo**. Do Big Bang aos Buracos Negros. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____, et al. **O Futuro do Espaço-Tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. O Breve Século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOBATO, Monteiro. **História do Mundo Para Crianças**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Teoria do Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.

POPKEWITZ, Tomas. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In.: SILVA, Tomas Tadeu da. O Sujeito da Educação, Petrópolis: Vozes, 1994.

RIBEIRO, Luis Távora Furtado e MARQUES, Marcelo Santos. **Ensino de História e Geografia**. Fortaleza: Ed. Brasil Tropical, 2001.

_____. Reflexões Pedagógicas de Como se Faz uma Aula de Campo. In.: RIBEIRO, Luís Távora Furtado e RIBEIRO, Marco Aurélio de Patrício. **Temas Educacionais: Uma Coletânea de Artigos**. Fortaleza: Ed. UFC, 2010.

Data de recebimento e aprovação

Recebido: 17/02/2014

Received: 17/02/2014

Aprovado: 24/02/2014

Approved: 24/02/2014